



Foto: Raíza Maia

Visita de estudantes de uma escola da região à Casa das Sementes Livres

Casa das Sementes Livres

Tadzia de Oliva Maya

A localidade de Aldeia Velha ganhou seu nome por conta de um antigo aldeamento indígena formado ainda no século XVIII. Lugar de passagem de tropeiros e novo lar para imigrantes alemães e suíços, o povoado, que hoje conta com pouco mais de 900 habitantes, tem nessa miscigenação de culturas sua origem. No entanto, a disseminação crescente do paradigma industrial e urbano vem se somando aos inúmeros fatores de expulsão das famílias do campo para a cidade e comprometem a conservação da riqueza cultural histórica local. Esse processo é particularmente sentido na agricultura, que não só perde seus homens e mulheres, mas também sofre os efeitos da erosão genética, com a diminuição das variedades de sementes tradicionais encontradas na comunidade e, consequentemente, da diversidade de alimentos produzidos localmente.

Os resultados da privatização de sementes e da generalização de dietas industrializadas são sentidos em uma simples visita aos mercados locais. Quando conversamos com os moradores mais velhos sobre as sementes antigas de grãos, ramas ou tubérculos, o sentimento é sempre o de saudade, e em relação às sementes encontradas no mercado, as reclamações se repetem: *Este milho não é gostoso, avalia um, Esta semente não presta, ataca outro e Não adianta, não vem, não nasce no outro ano*, denunciam muitos outros. A concentração de terras e o foco em projetos de cunho

preservacionista podem ser apontados como outros fatores que prejudicam a agricultura familiar na região.

As sementes e a cultura como códigos livres da Humanidade

Diante desse cenário e na tentativa de revalorizar as sementes tradicionais da região, bem como a identidade da cultura caipira, o coletivo de jovens chamado Escola da Mata Atlântica - cujas atividades vinham desde 2005 registrando saberes nativos e criando espaços para o intercâmbio de conhecimentos - resolveu, em 2007, construir um banco de sementes crioulas no povoado. O grupo, formado por universitários em processo de êxodo urbano, aproveitou sua interface com o movimento de cultura digital para conseguir apoio financeiro da Associação Software Livre (ASL), sediada no Rio Grande do Sul, que já havia doado sementes crioulas para as tribos Guarani-Kaiowá do Mato

Grosso do Sul, vítimas da expansão do agronegócio em seus territórios. Tanto as sementes quanto os softwares vêm sendo compreendidos como códigos importantes para a manutenção de funções biológicas e culturais da humanidade. Por essa razão materializam o conceito de bens comuns ou *commons* que, por sua vez, são defendidos por um amplo movimento social dentro de uma mesma bandeira contra a sua privatização. A Escola da Mata Atlântica participava destes debates em espaços como os Fóruns Sociais Mundiais e os Pontos de Cultura e propôs a criação de um banco de sementes que funcionasse junto com um telecentro, em uma aposta na convergência de ambas bandeiras políticas em torno ao mesmo princípio da gestão comunitária de bens comuns.

Aproveitando o convívio dos integrantes com a comunidade escolar de Aldeia Velha, a ideia de construir o banco de sementes surgiu dentro da Escola Estadual Municipalizada Vila Silva Jardim (EEMVSJ). Em 2008, com o uso da técnica do pau-a-pique, o espaço começou a ser erguido em mutirões, que contaram com a participação de alguns moradores e de grupos ecológicos universitários como o GAE (Grupo de Agricultura Ecológica da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ) e de movimentos de sem-teto da capital. A técnica do pau-a-pique foi escolhida por criar um ambiente com pouca variação térmica, o que ajuda na conservação das sementes. Como esse tipo de construção já estava muito desacreditado na comunidade, por ser nas últimas décadas identificado como uma estrutura arcaica e *pobre*, a própria construção do espaço acabou alimentando interessante debate sobre os dilemas entre o conhecimento tradicional e a modernidade e, por isso, desde seu início, o tema das semen-

tes crioulas em Aldeia Velha foi abordado também como uma questão cultural.

O objetivo inicial de construir um banco de sementes crioulas com grandes estoques de sementes disponíveis foi pouco a pouco se transformando para dar lugar a um projeto que primasse mais pela qualidade do que pela quantidade. Pesou para isso as dificuldades na obtenção de apoio financeiro para uma experiência ainda recente e uma conjuntura desfavorável em nível nacional e local para projetos com sementes crioulas. Ao invés de procurar desenvolver um trabalho com foco nos agricultores, o que seria dispendioso pelo número de visitas de campo, o coletivo resolveu aproveitar sua inserção em um ambiente educacional e direcionar cada vez mais seu trabalho às crianças e jovens da comunidade, operando de forma transversal no currículo escolar. O termo *banco* já não fazia tanto sentido; pelo contrário, estávamos buscando um abrigo não só para as sementes ou para computadores e livros, que neste meio tempo começaram a povoar o lugar, mas um local também para pensar, discutir e sonhar livremente. Daí, veio o nome que ficou até hoje: Casa das Sementes Livres.

Quando as aulas e as sementes se misturam

Não é de hoje que muitos autores reconhecem que é necessário estender aos jovens e às crianças as atenções dirigidas a agricultores e agricultoras familiares, de forma que eles se assumam como atores sociais na promoção de modelos de desenvolvimento mais sustentáveis e inclusivos. O trabalho com as sementes, parte fundamental do labor agrícola, é igualmente um tema que pode e deve ser compartilhado com aqueles que são potenciais agricultores e agricultoras e,



Mutirão de embarreamento da Casa das Sementes

ainda que não sejam, merecem ser cidadãos informados sobre assuntos socioambientais de relevante interesse social como são as sementes crioulas. Por isso, a partir do entendimento de que na escola de Aldeia Velha podem não estar exatamente cultivadores das sementes tradicionais, mas sim os filhos e filhas deles, tanto na figura de muitos dos professores, quanto das crianças e jovens em si, o trabalho da Casa das Sementes começou a desenvolver uma formação baseada na relação entre teoria e prática no campo da ecopedagogia.

Na escola da comunidade estudam os filhos e filhas de famílias de agricultores de Aldeia Velha, da Serra do Macharet, das fazendas vizinhas e de assentamentos da reforma agrária. A nova estratégia foi se configurando e começamos a trazer questões ambientais e agrícolas para a comunidade escolar, usando a Casa das Sementes, seus computadores e livros como suporte educativo. A Agroecologia possibilitava a abordagem de temas transversais ao currículo – como a compostagem, o manejo integrado de pragas, a adubação verde e as plantas medicinais - com o intuito de que os assuntos tratados na escola pudessem ter repercussão nas casas dos alunos e em Aldeia como um todo.

Valorizando as sementes pela pesquisa-ação

Como parte integrante desse plano, foi realizada, em 2009, a formação *Da Semente ao Fruto: Curso de Formação Pe-*



Roda de saberes intergeracionais na varanda da Casa das Sementes Livres

dagógica da Casa de Sementes Livres, produto de reuniões com as professoras da escola pública, que já haviam sido motivadas pelo coletivo e vinham trabalhando de forma autônoma o tema das sementes tradicionais no projeto *Semeando para a vida*. O curso foi aprovado pelas Secretarias de Meio Ambiente e de Educação de Silva Jardim, o município sede, que custeou a alimentação e o transporte dos palestrantes. Em seis encontros semanais que tomavam toda uma manhã, as professoras puderam ter contato com especialistas de temas como educação do campo e com integrantes da Articulação



Agricultores mostram sementes de milho branco. Pesquisa de campo na Serra do Macharet, 2007, anterior à construção da casa



As sementes locais como temas geradores em processos ecopedagógicos

de Agroecologia do Rio de Janeiro (AARJ) e do movimento de mídias livres, por exemplo. Uma metodologia fundamental para o sucesso da iniciativa foi a realização de atividades paralelas com os alunos enquanto as professoras davam o curso, pois o coletivo já havia notado a dificuldade em conseguir um horário em comum com todas as professoras para discutirem a forma como se daria a integração da Casa das Sementes Livres no cotidiano da escola.

Durante o curso, e ao longo de todo ano letivo, foram identificadas as sementes que podiam ser encontradas na comunidade, bem como aquelas que estavam em vias de extinção. Foram confeccionados cartazes sobre as sementes, suas épocas de plantio, cuidados de manejo e formas de armazenamento. Este material foi sistematizado para compor a *Cartilha ecopedagógica semeando para a vida*, da qual participaram todas as professoras da escola propondo atividades relacionadas aos temas das sementes. Foram publicados estudos que iam desde a identificação de quais sementes e culturas poderiam ser plantadas nos diferentes tipos de terreno de Aldeia Velha, dentro da matéria de Geografia, passando por entrevistas com mais de 13 pais e responsáveis sobre os tipos de cultivo tradicionais no local, na seção de Português, até chegar na atividade de Matemática que apresentava uma receita de canjica com milho branco, uma semente crioula, tradicional da serra, que é mantida por poucas famílias e encontrada com dificuldade. Essas sementes de milho branco, juntamente com outras variedades de feijão preto e feijão rajado, quiabo balãozinho, batata doce alaranjada, entre outras, também foram pesquisadas e muitas plantadas e multiplicadas no terreno da escola, na área vizinha à Casa das Sementes, que funciona como horta de abril a agosto e como espaço para multiplicação de sementes no restante do ano.

O diálogo intergeracional como prática pedagógica

De 2010 em diante, o coletivo implementou a pedagogia Griô para o funcionamento da Casa, remunerando um antigo agricultor local, hoje identificado à Agroecologia, para dar as aulas semanais, horário que foi garantido na grade curricular da turma do 5º ano. A pedagogia Griô busca a inserção da tradição



Conhecimentos e identidade resgatados juntamente com as sementes locais

oral e de conhecimentos não-formais em espaços formais de aprendizagem como as escolas e vem sendo aprimorada por diversos grupos em todo país depois que a associação Grãos de Luz, da Chapada Diamantina, divulgou alguma de suas práticas.

O Mestre Griô Milton Machado¹, assentado da Reforma Agrária, seguindo um plano de aula elaborado em conjunto com a professora e o coletivo gestor da Casa, ensinava a plantar, manejar e armazenar sementes tradicionais, sempre entremeando suas falas com causos, lendas e músicas da cultura regional. Assim, ficava mais interessante aprender que o milho branco era importante na comunidade, depois de saber que é o seu fubá que faz uma broa de sabor incomparável.

A cultura como fio condutor do trabalho com as sementes crioulas

A dificuldade inicialmente encontrada de trabalhar a conservação das sementes crioulas diretamente com os agricultores foi sendo sanada nesta experiência com uma casa de sementes escolar, que funcionava principalmente como espaço pedagógico de intercâmbio de saberes. A presença constante de um agricultor nas aulas de Agroecologia, a visita ocasional às casas de agricultores e agricultoras em aulas-passeio

¹ Os editores prestam sua homenagem a Milton Machado, falecido enquanto esta edição era preparada. Seu legado de sabedoria permanecerá iluminando o caminho da juventude agroecológica do Rio de Janeiro.



Mestre Griô dialoga com alunos na horta agroecológica da Casa das Sementes Livres, 2012

e o manejo de sementes recolhidas em visitas de campo, propiciam o necessário elo com os atores sociais e com a realidade da agricultura familiar.

Sendo a Agroecologia não só uma prática, mas também uma ciência interdisciplinar, a sua *porta de entrada* pode vir de muitas áreas do conhecimento. No caso de Aldeia Velha, a maneira encontrada para colocar o tema das sementes tradicionais na pauta da comunidade e assim estimular os debates correlatos dos transgênicos e dos agrotóxicos, entre tantos outros, foi o viés cultural.

Nesse sentido, a maior parte das atividades da Casa de Sementes Livres vem sendo financiada por editais públicos federais e estaduais da área da cultura. Do mesmo modo que o salário do agricultor e mestre Griô é pago pelo projeto dos Pontos de Cultura, uma oficina de cultura digital já financiou o sistema de irrigação automática da horta e um projeto de comunicação e artes da Funarte possibilitou o funcionamento de uma rádio livre dentro da Casa durante um ano.



Telecentro e Sementes Livres: espaço interno da Casa, outubro de 2013



Mestre Griô à esquerda com a turma de alunos da escola e, no alto, parte da equipe gestora em frente à Casa das Sementes Livres

Assim como as sementes crioulas, que respeitam e se adaptam às condições locais para reprodução, as experiências relacionadas à conservação das sementes tradicionais precisam de relacionamentos cada vez mais íntimos com seus contextos particulares para conseguirem se multiplicar e se fortalecerem. Seja qual for o modo encontrado, grande parte da nossa resiliência está em conseguir aprender e ensinar conhecimentos uns aos outros e por isso os espaços educativos são primordiais para se pensar e agir em prol de uma sociedade mais justa e livre.

Tadzia de Oliva Maya
Gestora da Casa das Sementes Livres
tadziamaya@gmail.com